

## ECONOMIA

Fotos de André Travenço



A ESTUDANTE de direito Vera Lúcia de Moraes, 34 anos: desempregada desde novembro de 2001



ERNAM CYRINO, 44: o seguro-desemprego acabou e ele teme não conseguir pagar a pensão dos filhos

# Mais disputa por uma vaga

## Jovens, mulheres e maiores de 50 anos buscam emprego para ajudar a família

Flávia Oliveira e Luciana Rodrigues

O declínio da renda real provocada pelo repique da inflação nos últimos meses está empurrando para o mercado de trabalho integrantes das famílias que, antes, podiam se dar ao luxo de não trabalhar. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que os segmentos que mais crescem na população economicamente ativa (que designa quem trabalha ou está buscando ocupação) são as mulheres, os jovens e os maiores de 50 anos. Entre abril de 2002 e o mesmo mês deste ano, de 1.054 milhão de pessoas que entraram no mercado de trabalho nas seis principais regiões metropolitanas do país (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre), 654 mil eram mulheres: 88 mil tinham de 15 a 24 anos e 368 mil, mais de 50 anos.

### Cresceu 18% busca por emprego por quem nunca trabalhou

Na média do primeiro quadrimestre deste ano, 455 mil pessoas que nunca trabalharam antes decidiram procurar ocupação: 18% a mais do que no mesmo período de 2002. É o caso do estudante Alan Nascimento de Castro, 18 anos, aluno da segunda série do ensino médio, que este ano se matriciou na turma da noite para buscar um trabalho durante o dia.

— Minha irmã mais velha, de 29 anos, era a única fonte de renda da casa mas ela foi demitida. Agora eu e minha irmã mais nova, Raíssa, que tem 19



ALAN DE CASTRO, 18: em busca de uma vaga, mas sem abandonar os estudos

anos e também estuda, estamos procurando trabalho — diz Alan. — Tenho muito medo de que atrapalhe no colégio, mas não tenho opção — lamenta.

Alan e sua irmã Raíssa fazem parte de uma geração sem emprego. Em abril, a taxa de desocupação dos adolescentes de 15 a 17 anos era o maior (35,2%) e a dos jovens de 18 a

24 anos (24%), o dobro do índice médio de desemprego (12,4%) nas seis regiões metropolitanas do país.

Em fevereiro passado o economista Gustavo Gonzaga, da PUC-Rio, já chamava a atenção para o fenômeno de filhos e esposas em busca de emprego. Movimento que se acentuou a partir do segundo bimestre. Os dados também mereceram destaque para os

técnicos do IBGE. Enquanto a taxa de atividade (total da população economicamente ativa dividida pela população com idade para trabalhar) entre abril de 2002 e o mesmo mês deste ano cresceu 3,28%, entre as mulheres, ela cresceu 4,88%; entre os jovens de 15 a 17 anos, 3,89%; e entre os maiores de 50 anos, 6,3%.

— O aumento dessa participação pode ser efeito da queda real de renda, do otimismo dos trabalhadores com o governo Lula ou uma combinação dos dois — analisa o economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV).

### Proposta de R\$ 250 para quem ganhava R\$ 1,5 mil

A estudante de direito Vera Lúcia de Moraes, de 34 anos, engrossa o time de mulheres em busca de uma vaga. Vera trabalhava como auxiliar de cobrança até novembro de 2001. Este ano, ela começou a procurar emprego mais intensamente porque sua mãe, chefe da família, foi demitida.

Os jovens, muitas vezes, disputam vagas com chefes de família. Ernã de Paula Cyrino, 44 anos e três filhos, trabalhava como gerente numa firma de engenharia. Há sete meses, foi demitido. Na última entrevista de emprego, Cyrino, que ganhava R\$ 1.556, teve uma proposta de R\$ 250.

— As empresas preferem contratar jovens sem experiência para pagar pouco. Meu seguro-desemprego já acabou e, daqui a pouco, serei preso porque não estou conseguindo pagar a pensão dos meus filhos.

### 'Marido de aluguel' dribla desemprego

• Mulher, casada, oferece: marido de aluguel. Alguém para pendurar quadros, consertar torneiras e até dar conselhos. Ciente das habilidades domésticas de seu companheiro, um técnico em eletrônica desempregado, a consultora financeira paulista Deise Cester Pacheco resolveu oferecer ao público os serviços do marido. E, de quebra, ajudar a recuperar a auto-estima de Walter Oliveira, 50 anos, que há sete meses tentava arrumar emprego.

— Ele passava o dia em casa e chegou a ficar deprimido. Como era chamado por vizinhas para ajudar em pequenos serviços, eu comecei a brincar dizendo que ia cobrar aluguel. Virou um negócio — conta Deise.

Sem emprego, mas com trabalho, Walter está satisfeito: — É duro ficar sem trabalhar. Tenho amigos desempregados que, em depressão, passaram a frequentar bares.

Mas o retorno financeiro ainda é pequeno:

— Quem paga as contas sou eu — diz Deise, 40 anos.